

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. *Para tanto, o autor deverá* entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

CLÁUDIA MACEDO GONTIJO.

**SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DO FINAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS
DE SUA PERSONAGEM FEMININA.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

UBERLÂNDIA

2005

CLÁUDIA MACEDO GONTIJO.

**SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DO FINAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS
DE SUA PERSONAGEM FEMININA**

Monografia Apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

UBERLÂNDIA

2005

FICHA CATALOGRAFICA

Gontijo, Claudia Macedo.(1965}

Senhora , de José de Alencar : uma análise histórica da sociedade brasileira do final do século XIX através de sua personagem Feminina.

Claudia Macedo Gontijo – Uberlândia, 2004.

53 fl.

Orientador: Guilherme Amaral Luz.

Monografia (bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em Historia.

Inclui Bibliografia.

Sociedade Urbana, Mulher e Senhora.

CLAUDIA MACEDO GONTIJO.

**SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DO FINAL DO SÉCULO XIX ATRAVÉS
DE SUA PERSONAGEM FEMININA.**

BANCA EXAMINADORA.

Prof. Dr. Guilherme Amaral da Luz.

Profa. Dra. Joana Luiza Muylaert de Araújo.

Profa. Sheille Soares de Freitas Batista.

DEDICATÓRIA.

Dedico e agradeço a Deus , *Autor e Consumador da minha Fé*, em primeiro lugar o dom da vida, e pelo privilegio a conclusão deste curso.

Deixo registrado também meu agradecimento especial a meu orientador Guilherme Amaral Luz por seu cuidado no direcionamento desta monografia.

Louvo a Deus por toda a minha família que muito contribuiu e me incentivou durante estes anos

*Nenhum ser humano normalmente construído
aceita a opinião que tem de si próprio e dos
valores que preza se não vê confirmada a forma
como é tratado pelos outros.*

Robert Elias (1897- 1990).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL.....	07
CAPÍTULO I	
Uma rápida visão de José de Alencar.....	11
CAPÍTULO II	
A obra de Alencar: o romance Alencariano por Alencar.....	13
CAPÍTULO III	
Senhora: um resumo e crítica.....	28
CAPÍTULO IV	
Aurélia: a Senhora do Romance Alencar.....	38
CONCLUSÃO.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	51

Introdução Geral

O romantismo no Brasil acontece na mesma época de sua afirmação de identidade nacional e busca pela independência, bem como sua consciência de brasilidade. Privilegiando a visão nacional e buscando delinear seu estilo os românticos, mesmo antes de José de Alencar faziam do nacionalismo uma forma de luta e oposição às tradições européias. Segundo Holanda (1995)¹, os velhos padrões coloniais vindos com a família real portuguesa, ameaçam o crescimento da sociedade na mesma medida em que sugere o crescimento destas a partir de novas tendências, que conscientemente, criam com o tempo, uma nova visão e vida nacional. Criticamente, através de imprensa e dos livros, é possível perceber como a realidade da nação será exposta nos seus detalhes e particularidades somente a partir de técnicas e projetos que surgiram a partir da escrita romântica. Os autores do romantismo ousam a mudar o estilo literário, preferência e suas personagens principais apresentam-se sem medos e aparências.

O pensamento romântico, mesmo frágil e vivendo as mudanças da sociedade do século XIX, firmou-se enquanto movimento e mesmo não trazendo muitas novidades na área da escrita, privilegiou-nos com estilo próprio cujos autores, optaram por escrever instintivamente sem escolhas elevando a criação até a nossa realidade cotidiana.(HOLANDA, 1955).

A literatura de *José de Alencar* aborda os problemas e conflitos vivenciados pela sociedade brasileira no final do século XIX. É o momento de

¹ Sérgio Buarque comenta segundo sua percepção, as origens da democracia no Brasil e o surgimento dos novos românticos com seus escritos que privilegiavam a sociedade brasileira.

ascensão do café, dos conflitos em torno do fim tráfico negreiro, e da escravidão e da chegada dos imigrantes. É o início das primeiras tentativas de uma recente industrialização, criação de bancos, de estradas de ferro e do processo mais visível de urbanização.

O livro *Senhora*, representante expressivo do romance urbano de José de Alencar, denuncia o casamento por interesse e traça um perfil dos costumes morais e políticos do Rio de Janeiro na segunda metade do séc. XIX. Publicado em 1875, dois anos antes da morte de seu autor, é o terceiro romance de José de Alencar, a trazer abaixo do título a seguinte indicação: *Perfil de Mulher*, os dois outros são: *Lucíola* (1862) e *Diva* (1864). Sendo que estes três foram publicados sob o pseudônimo de G.M. No romance o autor usa de sua pena para denunciar o casamento por conveniência social, uma prática comum do patriarcalismo brasileiro que negava aos jovens a escolha efetiva, ou seja, a possibilidade de decidirem livremente com quem namorar ou casar.

Mas, isso não constituía uma violência declarada da época, porque a noção de família tinha mais valia de que a de indivíduo. Porém, na sociedade do século XIX (com a arte romântica defensora da preservação do indivíduo), essa situação começava a mudar. O casamento por interesses passa a ser visto como uma violência declarada, embora praticada com disfarces. A compra meio absurda efetuada em *Senhora* funciona como uma metáfora para desmascarar a realidade que ocultava a própria vergonha, contida nas entrelinhas da determinação do dinheiro como sujeito que tudo compra e para o qual a subjetividade humana não existe. Nesse sentido, José de Alencar insiste na idéia de que o amor é um instrumento eficaz contra a despersonalização que o sistema capitalista trás em seu bojo. Por esta razão, os personagens deste romance só conquistam a felicidade onze meses depois do casamento, quando se esclarece o verdadeiro motivo da união: o amor.

José de Alencar observa e descreve a sociedade existente numa tentativa de registrar os detalhes sociais que condicionam o universo psíquico dos indivíduos vivendo dentro de uma ordem social indefinida. Ao levar em conta o indivíduo, José de Alencar se esmera em descrever os pormenores e

os detalhes que se concretizam no vestuário e nos gestos, como fatores denunciadores da condição espiritual daquela sociedade. Seguindo a orientação do escritor Francês Honoré de Balzac², Alencar adota, neste romance, a técnica quase microscópica, da descrição da indumentária dos personagens. Isso atribui a *Senhora* um brilho e um ritmo que imitam a intensidade e a vibração das próprias características do seres humanos.

O romance em questão conta a história de Aurélia Camargo, uma bela moça, rica e avançada para seu tempo, entretanto ressentida por ter sido trocada por um dote. Tendo nascido muito pobre, permaneceu nessa condição até a adolescência, quando, sem esperar, recebe a herança de um avô desconhecido, onde até então não a reconhecia como da família. Sua primeira preocupação ao tomar posse do dinheiro herdado é mudar-se para Laranjeiras, onde vivia a sociedade fluminense. Logo em seguida, arma junto com o tutor uma forma de casar-se com um antigo namorado, que a trocara por um dote de 30 contos. Recorre então a um estranho plano. Através do tutor é fechado o *negócio* com Fernando que assume o compromisso, sem conhecer a moça, de casar-se com ela por 100 contos. O casamento realiza-se com sucesso, mas as relações resultantes desse mórbido contrato são o ensejo para o narrador fazer a crítica à sociedade do dinheiro, do mercado, dos valores voláteis, onde tudo se transforma quando tocado pelo poder do dinheiro.

Essa parte da narrativa constitui a parte mais inovadora e interessante do romance. As motivações do ressentimento de Aurélia, ou da história de seu passado humilhado, compõem a parte menos atual (romântico) diante de sua inverossimilhança e de seu caráter romanesco.

Senhora apresenta um painel social bem definido de sua época e diante disto, delinea o comportamento dos dois amantes - que parecem se odiar - e os costumes da aristocracia e da sociedade urbana oitocentista. Considerando a discussão sobre o papel das mulheres no final do século XIX, o romance de José de Alencar proporciona fazer um estudo histórico a partir das situações vividas pela personagem Aurélia. Essa personagem simboliza a resistência a

² Nascido em 20 de maio de 1799. Um escritor puro e autêntico da primeira fase do romantismo, cuja escrita transpunha os interesses éticos, religiosos, políticos e sociais. Imitado e lido pela maioria dos nossos escritores românticos.

mercantilização das relações humanas que se concretiza numa mudança radical das relações sociais que naquele momento estão em franca transformação.

Questionar a visão de mundo de Aurélia – consequência de sua origem social - sua forma irreverente de olhar os comportamentos daqueles que a cercavam, sua forma voluntariosa de se insurgir contra os homens e as mulheres que representavam os valores mercantilizados, faz dessa personagem uma mulher singular.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho é o estudo do mundo urbano utilizando como fonte principal o discurso de José de Alencar através de sua protagonista do romance Senhora, tentando compreender o mundo urbano através dos personagens Aurélia e Fernando, bem como, identificar os elementos que exemplifiquem Alencar e os valores atribuídos ao gênero feminino diante de seus posicionamentos e perante a sociedade brasileira constituída no século XIX.

Far-se-á o desenvolvimento do trabalho em quatro capítulos que serão: no capítulo 1, um resumo de quem foi José de Alencar; no capítulo 2, analisar-se-á as características principais de José de Alencar como romancista e seu projeto literário; no capítulo 3, aborda-se-á uma parte da crítica feita a Alencar e ao seu romance Senhora; para finalizar, no capítulo 4, trabalharemos a personagem Aurélia, inserida na sociedade urbana do século XIX.

Capítulo I

Uma rápida visão de José de Alencar.

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejena (CE), em 1829, no Primeiro Reinado. Saiu do Ceará para a corte com dez anos, em 1839, justamente no ano de nascimento de Machado de Assis de quem se tornaria amigo mais tarde. Após concluir os estudos secundários na Corte, mudou-se para São Paulo. Kursou a faculdade de Direito em 1845 aos 16 anos, exceto o terceiro ano que fazia em Olinda. Era anti-social, rebelde às convenções e avesso à boemia. Sua permanência em São Paulo coincide com o surgimento da Poesia Byroniana, liderada por Alvarez de Azevedo, três anos mais jovem que ele.

Escreveu 21 romances, dos quais algumas canônicas da Literatura Nacional. Destacam - se: *Cinco Minutos* (1856); *O Guarani* (1857); *Lucíola* (1862); *As Minas de Prata* (1862 a 1866); *Diva* (1864); *Iracema* (1865); *O Gaúcho* (1870); *A pata da Gazela* (1870); *O Tronco de Ipê* (1871); *Til* (1872); *Sonhos d'Ouro* (1872); *A Guerra dos Mascates* (1873 a 1874); *Ubirajara* (1874); ***Senhora*** (1875); *O Sertanejo* (1875); *Encarnação* (1877). Suas obras, fincadas na realidade brasileira, são capazes de fornecer um retrato completo dos costumes do século XIX. *Senhora* enquanto romance urbano e regionalista é o mais imaginoso dentre os romances históricos e indianistas. Neste sentido, quanto mais imaginoso, tende ao símbolo, como ocorre em *Iracema* e *O Guarani*, e quanto mais verdadeiro, assume as configurações da crítica social e da análise psicológica como se observa em *Lucíola* e *Senhora*.

Nestas duas últimas obras mostrou habilidade em construir complicados caracteres femininos, antecipando assim, as conquistas de análise de Machado de Assis. Com *Iracema* e o *Guarani*, Alencar descreve o símbolo do bom selvagem brasileiro, de grande importância para nossa cultura.

Voltando ao Rio de Janeiro em 1854, Alencar estréia como escritor do “**Correio Mercantil**”, logo após *Manuel Antônio* de Almeida ter publicado – neste mesmo jornal - *Memórias de um Sargento de Milícias*. Suas crônicas

publicadas, nesta ocasião seriam mais tarde reunidas em volume único com o nome: **“O correr da Pena”**.

Em 1856, criou polêmica sobre o poema épico de *Gonçalves de Magalhães*, a saber: *A Confederação dos Tamoios*, onde o autor descreve ser uma *imposição* ao Brasil como uma grande epopéia, sobre o qual José de Alencar tece duras críticas e um enorme alarde discordando veementemente; no ano seguinte, como resposta e afronta, publica: **O Guarani**, esse sim, um poema longo sobre os acontecimentos históricos relevantes para o Segundo Reinado. Assim, com o sucesso do romance, passa a se dedicar mais intensamente ao gênero literário. Da mesma forma dedicou-se à Política e à Advocacia, sendo eleito Deputado Federal diversas vezes pelo Estado do Ceará. Exerceu também cargo de Ministro da Justiça durante a Guerra do Paraguai, mesmo mantendo um relacionamento conturbado e rixoso com D. Pedro II. Diante das divergências existentes nas questões de política, surgem também as da ciência que trata do belo, da arte e da natureza, ou seja, a estética.

Com a não eleição para o cargo de Senador, José de Alencar retira-se da vida pública. E é neste momento que recebe grande apoio, do então amigo Machado de Assis, que já nesta época figurava como seu sucessor nas letras brasileiras. José de Alencar morreu aos 48 anos, vitimado de tuberculose e isso deve-se ao atraso da medicina de seu tempo, no ano que escreveria **Encarnação**, um romance de cunho nacionalista.

Segundo Cândido (1981), Alencar foi o único escritor de nossa literatura a criar um mito heróico e escreveu conforme o desejo de sua época. Fixou-se como um modelo de sensibilidade brasileira, como criador de mulheres ingênuas, singelas, inocentes e bons moços.

Sente-se o desejo de sua refinada vida urbana onde a presença da mulher burguesa condiciona o romance do salão do século XIX.

Sua obra retrata seu estilo de vida, seus anseios e expectativas quanto a sua carreira como romancista. Ele descreve em seus romances urbanos a sociedade do século XIX, com maestria, possibilitando um retrato histórico dos costumes da política e da moral.

Morreu sem o reconhecimento do grande autor consagrado que é hoje.

Capítulo II

A obra de Alencar: o romance Alencariano por Alencar.

Analisar as características principais de José de Alencar como romancista e o seu projeto literário é o maior objetivo neste primeiro capítulo. Por isso, o foco centrar-se-á em um dos três olhares que definem o lugar de José de Alencar na literatura e na história do Brasil: o do próprio autor, ainda que dialogando com os olhares da crítica literária que compõe sua fortuna crítica e o da historiografia sobre o romantismo brasileiro. Esse espaço precede aquele que é o objetivo central deste trabalho: avaliar as extensões do pensamento alencariano sobre a sociedade urbana brasileira dos oitocentos através da personagem Aurélia: protagonista de seu romance *Senhora*.³

A maneira como a personagem Aurélia é construída nos permitirá entender como Alencar reagia à sociedade da época com relação à idéia de "compra do marido". Neste sentido, pode-se questionar: qual é o papel dos sentimentos de sua personagem nas tomadas de decisão no âmbito da constituição da família? Em que medida os critérios sentimentais se diferem de outros adotados no contexto social em que o romance foi escrito? Será, portanto, centrado no romance *Senhora*, que o analisaremos como romancista comprometido com as questões do seu tempo; antes, no entanto, para compreendê-lo como romancista e ao seu projeto literário, tomaremos, como ponto de partida, o seu livro *Como e porque sou romancista*.⁴

Em seu livro "*Como e porque sou romancista*", ao qual Alencar atribui o nome de *livro dos livros*,⁵ e sobre o qual escreve que era um legado a ser

³ Sugiro a leitura deste romance a partir desta edição, por ser uma edição idônea que ao final do livro apresenta notas, comentários sobre o romance e também sobre o autor.

⁴ Alencar, José de Alencar. *Como e porque sou romancista*; adaptação ortográfica Carlos de Aquino Pereira. Campinas, SP: Editora Ponte, 1990.

⁵ Mesmo diante das críticas, Alencar expõe-se e assume em sua autobiografia literária seu lugar de destaque como romancista; recebe da crítica apoio diante da boa fase vivida como

deixado aos seus filhos, na tentativa assim, de atingir e esclarecer tanto a leigos como a eruditos o teor de sua obra, o autor de Senhora descreve, com detalhes, várias passagens de sua vida e todo seu caráter romântico, e como esta essência foi sendo construída ao longo de sua obra, ou melhor, ao longo de sua vida, pois as duas se confundem. Alencar propõe na definição de seu caráter romântico (como sua obra imprimiria no papel e também em seu espírito), o desejo de lançar mão do romance em função da apresentação do Brasil e de sua nacionalidade.

Seu texto tem início com uma conversa com um amigo, no qual expressa sua vontade de manter consigo parte de sua obra escrita, pois acredita que poucos terão acesso a seus escritos e a tudo o que sua obra poderia revelar a seus leitores. Existe uma áurea de saudosismo e precauções bem marcante, e sua fala pontua questões referentes à escrita de nossa literatura e do cotidiano que ela representa no final do século XIX. Alencar remete-se a fatos normais do dia-a-dia, sua vida e afazeres familiares e também aos escritores e literatos do final do século XIX, nos permitindo assim, descobrir sua influência romântica e individualidade enquanto romancista e político.

Sobre seus ombros é depositado um peso literário, o qual ultrapassa e transcende a escrita no momento que ela se processa. Para Alencar não há também fato mais distante da sua produção literária do que as comparações, pois ele particulariza o momento de vida e escrita. Para ele sua escrita não pode ser dissociada de suas experiências de vida como brasileiro que é comprometido com os assuntos nacionais. Assim, o principal parâmetro para avaliação de suas obras será sua originalidade nacional.⁶

escritor. Neste momento, sua carreira recebe o reconhecimento, baseado na formação e sobre uma série de estudos desenvolvidos sobre sua obra.

⁶ Nesta questão da nacionalidade, este fato fica bem evidenciado logo ao início do livro, no qual em conversa com um amigo, Alencar se coloca bem transparente e revela: "... como a inspiração d'O Guarani, por mim escrito aos 27 anos, caiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e os sertões do norte, numa jornada do Ceará a Bahia". Fica evidente como crescia em seu íntimo o desejo de incluir o Brasil redescoberto por ele em seus romances, atingindo um objetivo maior que era o mostrar a nação como ele a enxergava através das relações amorosas vividas por seus personagens.

Dentre as várias características evidenciadas pelo gosto romanesco, Alencar sente-se sem condições de expressar sua escolha e assim manter-se fiel ao conhecimento de todos, fato este que o leva a registrar neste período de mudança todo o seu questionamento em torno da origem da nação, ou melhor, dizendo, do povo brasileiro. Alencar acredita que através do romance poderá responder a perguntas como: Quem somos? O que era ser brasileiro no final do século XIX? Qual a função da família dentro desta sociedade patriarcal? Tínhamos uma identidade? Éramos uma nação? Que lugar o Brasil ocupava no mundo ocidental?

Para responder a essas e outras questões ao longo da crítica feita a sua obra, entende-se que a mesma será feita também a Alencar e aos demais romances como um dos objetivos de ressaltar a todos a forma como ele escreve; assim os métodos utilizados pelos críticos da sociedade do final do século XIX, serão também utilizados com o objetivo de compreender como, quando e de que forma o autor escreve, nos reportando para o momento sobre o qual suscitam na sua obra as mais contundentes características literárias. Todavia, Alencar baseava-se naquilo que a cultura tinha de diferente e que lhe pudesse acrescentar algo de novo a ser descrito na confecção de seus romances. O romance *O Guarani*⁷, por exemplo, cumpre fielmente esse papel, no qual toda a brasilidade do índio e a busca através da linguagem do amor entre os personagens demonstram seu caráter e através destas características romanescas toda a sua intenção criativa permite ao romancista conciliar o mundo ocidental com a nossa sublime e pitoresca beleza natural, nossas terras e florestas particulares.

Alencar procura situar sua obra na tradição literária brasileira, facilmente o próprio autor coloca-se como narrador com o objetivo de conquistar para outros o direito e o acesso a sua obra; de forma prática e concreta define uma forma eficaz para expressá-la através de sua fala e escrita. Na sua autobiografia, o autor de *Senhora*, demonstra suas expectativas, frustrações com sua obra e ainda declara-se cansado diante de muitas críticas feitas a sua obra em si, bem como ao próprio Alencar. Para surpresa de todos, manifesta-

⁷ Alencar, J. de . 1978 .

se com uma reação passiva sobre estes comentários e prefere compartilhá-los com os seus leitores freqüentes, buscando através dessa atitude encontrar apoio sentimental em seus romances e deste modo expressar sua indignação e insatisfação que tanto o incomodava. Por fim, mostra-se por completo à sociedade não só como escritor, mas também como ser humano, reconhecendo publicamente o diagnóstico de que sofria de tuberculose.

Alencar não se toma por injustiçado e nem tão pouco se sente vítima diante das dificuldades enfrentadas com a saúde; vai muito além disto; para ele lidar com a crítica e com as anedotas, tomam uma dimensão até então não vista, indo além das demais preocupações com sua saúde; sua postura permitiu que seu romance ganhasse admiradores assíduos, enquanto que as obras mais completas ficaram relegadas a uma pequena camada da sociedade brasileira. Sob este aspecto, mostrou-se indignado, pois acreditava que suas obras deveriam estar à mão de todos os que desejassem conhecê-la.

Sua fala significa na essência, um certo desprezo e um sentimento de descrédito ao se referir a parte da nossa literatura responsável pela crítica, Alencar deixa claro quando diz:

... Esses fatos jornaleros, que à própria pessoa muitas vezes passam despercebidos sob a monotonia do presente, formam na biografia do escritor a urdidura da tela, que o mundo somente vê pela face do matiz e dos recamos...(ALENCAR, 1990).⁸

Neste parágrafo, delicadamente revela a tristeza que sente, diante desta parte da sociedade que não o reconhece como romancista legitimamente nacional neste processo. Intelectualmente falando, Alencar adota a abrangente contribuição de sua obra à literatura brasileira, e tem consciência do escritor conceituado no qual se transforma de tal modo que no auge de sua carreira, sente-se advertido e ameaçado por muitos, indignando-se com sua própria nação, que a ele delega apenas coincidências, imitações e acasos.

⁸ Neste parágrafo, Alencar posiciona-se como crítico, paralelamente a sua biografia, com o objetivo de demonstrar a intenção da crítica e de apresentar-se através da escrita no mundo como imagina ser; em momento algum passaria por seus pensamentos ou por sua análise a possibilidade de que sua biografia não seria por assim dizer reconhecida por todos; e diante disso se mostra-se muito inquieto devido à dimensão tomada por sua obra.

Alencar traz à tona outras características reveladoras da formação do seu caráter romântico e a primeira delas refere-se a sua formação acadêmica. A esta parte de sua caminhada, dedica mais de um capítulo deste livro, que julga ser o maior deles diante de sua importância pessoal e literária, pois nesta breve descrição consegue sem reservas registrar toda sua trajetória de vida e escrita romântica. O detalhe adquire lugar determinante em sua obra e é possível percebê-los nos seus romances. Entretanto, no início do segundo capítulo de sua autobiografia, Alencar revela-se um apaixonado por seu colégio, amigos de classe e professor; numa veneração ideológica, que se explicaria ao virar da página no segundo parágrafo, sobre aquele se faz seu fiel narrador:

... Mas o que, sobretudo assoma nesta tela é o vulto grave de Januário Mateus Ferreira, como eu o via passeando diante da classe. Com um livro na mão e a cabeça reclinada pelo hábito da reflexão... (ALENCAR, 1990).⁹

O cuidado de citar o nome de seu colégio, seu endereço, hábitos escolares já lhe dá subsídios para, logo adiantar e relatar as preciosas lições aprendidas durante sua formação. Segundo Alencar, a rua do Lavradio nº 17 onde funcionava o Colégio de Instrução Elementar, tem o seu lugar de destaque por ser um endereço nobre da sociedade carioca, porque a escolha do mesmo se daria em função do término de sua formação, aliado com a proximidade do centro da cidade e a reputação do mesmo, cujo objetivo principal de seus formadores voltava-se exclusivamente aos problemas relacionados com a educação. Apenas a simples lembrança dos momentos vividos dentro do colégio, permitia-lhe reviver, miticamente, a lição aprendida na vida através do conhecimento, da disciplina e do respeito adquiridos, também no colégio como ele próprio descreve.

É possível perceber como sua sensibilidade o coloca em destaque agora não apenas como um escritor de romances, novelas e notas sociais, mas

⁹ Alencar assume o papel de defensor em causa própria, cabendo nesta obra um espaço para descrever, elogiar e venerar todos os momentos marcantes de sua vida, e, ainda que breve - por causa da doença -, ele terá nas passagens envolventes destas narrativas motivos para registrar através da escrita o romancista que iria tornar-se em breve, graças à formação recebida e ao estudo demasiado no qual em breve afirmaria sua vocação apurada como escritor.

sim como um narrador de uma vida embalado pelo desejo de leitura fiel de seus leitores e pela crítica escrita por seus companheiros e literários que o descrevem com seus sentimentos, sem reservas ou ressalvas.

Muitas são as suas lembranças desse tempo de conquistas e de trocas de experiências e Alencar saudosamente descreve esta parte de sua vida e não retém a ninguém os detalhes dos tempos da sala de aula; ele visualiza e revive todos aqueles momentos e as agitações próprias dos iniciantes. Com seus amigos de sala, viveria algum momento distinto e no seu íntimo entenderia o porque de tamanha reflexão e gosto peculiar pela leitura. A ele não caberia o direito de discordar e muito menos a rebeldia frente ao ensino aplicado no colégio, mas, a todos se renderia como seu fiel escudeiro, pronto a entrar em ação assim que fosse preciso. Seu caráter forte o conduz com aplicação desejável por seus colegas e de forma palpável propõe-se a compreender a filosofia de ensino aplicada a todos.

José de Alencar compreende ser este o momento único de aprendizado, e para tanto exalta seus métodos e deixa claro como estes foram utilizados pelo educandário que fizeram o romancista, ou seja, como moldariam nele o gosto pelo romance. Também este ensino tinha seu lugar de destaque e função específica dentro de seu caráter romântico, os quais somente se efetivarão a partir da conclusão de seus estudos.

Diante deste processo e em detrimento da ordem e disciplina que o colégio mantinha, Alencar dizia – se um discípulo¹⁰, e sob este aspecto buscava aproveitar o talento e demais características, seguindo fielmente os passos do seu mestre consciente de sua função e lugar. Não há o que questionar. Nem tão pouca vergonha ou dificuldade que o intimide a descrever os enigmas que comporiam sua formação inicial. O ensino neste momento tinha significado de vitalidade, no qual sua cumplicidade e simplicidade

¹⁰ Ser discipulado pelo Prof. Januário – vindo de Portugal – cria no íntimo memórias vivas e a certeza de aprender desde menino a lutar contra dificuldades sociais, exercendo o papel de guarda de si mesmo na busca incansável pelos seus objetivos. Ainda no capítulo II deste livro, Alencar não se cansa de declarar e expressar-se em elogios ao mestre - não sendo possível negar toda influência que o mestre exercia sobre ele e, para tanto, faz de tudo que está ao seu alcance para apreender e refletir nos seus escritos tudo o que aprendeu. Não se arrepende em momento algum de tudo que viveu no colégio e momentos iguais viveria novamente se fosse preciso para alcançar de seu mestre e exemplo do reconhecimento, através do abraço e do lugar de destaque que conquistara.

rendiam-lhe momentos de exaltação e reconhecimento diante do mestre e da turma. (ALENCAR, 1990).

Seguindo a composição mítica e exemplar de sua vida escolar, existe todo um cuidado de Alencar em descrever seu posto de monitor da turma e a ele também cabe revelar e deixar registrado a perda do mesmo, fato que em nada o desestimula, ao contrário, o motivava a dedicar-se com esmero e reflexão próprias de quem sabia o que buscava e, assim, depois de alguns instantes, recuperava seu posto com louvor e regada de uma boa dose de sorte.

A profunda transformação em seu caráter acontece no momento de suas leituras em voz audível que fazia, segundo apreendera com seu mestre, e neste sentido esboçariam em Alencar os moldes estruturais da literatura. A imagem do professor Januário e sua prática, carregaria consigo todo o significado de honraria próprio para Alencar e para o país e também sobre seus deveres enquanto mestre e educador.

Retomando a questão de sua educação inicial e, sem esgotá-la, Alencar se faz narrador deste processo, cita episódios e desconfianças, faz suas escolhas e diante disto busca para si lições de tantas situações vividas. O cargo de leitor conquista naturalmente e seu gosto pelos romances inicia-se logo cedo aos onze anos. Sua casa neste momento transforma-se num local de debates entre seu pai e os políticos do partido liberal; entretanto, distante das discussões, passa a fazer companhia a sua mãe, lendo para ela, suas amigas e tias os romances de folhetim. Alencar mostra-se integralmente revelador no trato com a família. Segue a citar sua mãe, sempre amorosamente, devido a sua dedicação como base de sua formação, bem como no fato de estar atenta ao cuidados ao filho. Ao pai reverentemente chama de "*Senador Alencar*¹¹"; e,

¹¹ O Senador Jose Martiniano de Alencar, pai do romancista. Moderado e prudente, logo cedo conquistou a simpatia de todos, pois nele borbulhava um forte sentimento liberal, apesar da pouca experiência parlamentar. Sabia de sua responsabilidade nos cargos que ocuparia ao longo de sua vida pública e tinha como meta à firmeza, crendo ser mais perigoso punir do que deixar impunes os crimes de opinião. Sua devoção à nação, lhe permitia criticar a constituinte que em nada contribuiu para a formação do jovem imperador, e neste sentido expunha-se sempre, buscando na veracidade do momento, sobressair à prudência em virtude da idéia do nacionalismo liberal, e também tinha conhecimento que ninguém no país tinha como ele a arte de manejar a frase sonora e pomposa do liberalismo. Mantinha-se fiel ao trono e após duas

quanto à participação deste na vida política brasileira, faz questão de repetir em quase todos os capítulos.

Alencar atribui valores a cada um dos lugares de destaque que seu pai ocupou na vida. E, ao citá-los, percebe-se embutido em sua fala, orgulho, dedicação e outras vezes, desprezo, indignação e repulsa devido ao fato de seu pai não ser reconhecido logo de início pela sua participação no amadurecimento político do Brasil liberal. Alencar cita repetidas vezes a participação política do pai em reuniões, revoluções e também seu desprendimento em oferecer asilo na sua Chácara aos perseguidos revolucionários das revoluções, planejadas como o golpe da maioria e a Revolução Liberal de 1842, porém abortadas diante do processo social e político que se instaurou no Brasil em meados do século XIX.

É na repetição das leituras dos romances que faz para sua mãe, que Alencar desenvolve um método para o entendimento de sua linguagem e, aliado a esta necessidade, transparece melhor sua característica própria de romancista. Assim, entende-se que para interpretá-lo, é necessário um maior aprofundamento na sua obra, bem como a associação de leituras tradicionais e indispensáveis para o entendimento de seu gênero romântico que muito contribuíram para a compreensão de seus romances. Alencar sabe da necessidade urgente que sua autobiografia seja conhecida de todos e, diante disto, embora buscando numa linguagem detalhista e pontuando fatos importantes, não permite estender-se demais em assuntos de ordem da escrita, pois entende que nesta fase de autor de romances, seu lado narrador deverá ficar em segundo plano até o momento certo de se mostrar novamente.

Ao mudar para São Paulo, Alencar busca um curso visando seguir à mesma carreira do pai- advocacia -; e em meio a estas resoluções e tomadas de decisões leva consigo determinados escritos literários. Embora poucos e tendo destruído alguns, utilizava o tom de mistérios e pavores que os envolvia para dar continuidade ao que escrevia e neste sentido, encontrava em si a motivação para manter-se como escritor. O escritor em breve se mostraria

derrotas revolucionárias, a família tenta reerguer-se financeiramente diante do poder e da riqueza que tão bem conheciam, mas que não dispunham mais.

outro no trato com os amigos, familiares e a carreira escolhida assumindo uma diversidade de papéis sem que fosse necessário se desvincular de qualquer um deles.

Através de suas fraquezas e dificuldades para alcançar seus objetivos e ter a mesma importância política conquistada por seu pai, começa a ser visto mais como escritor do que como político. Neste período viveu de forma mais humilde e tinha como companheiros colegas muito entusiasmados com a literatura. Surgia neste momento a publicação de "*A moreninha*"¹², e ao seu autor, vários colegas prestavam uma veneração digna de ídolo; na sua grande maioria carregavam a honra de o terem conhecido, ouvido e visto como um dos grandes nomes de nossa literatura. José de Alencar no seu íntimo sente-se estranho ao reconhecer o crescimento de outro escritor e não há como impedir este sentimento; e como não poderia deixar de ser levanta questões referente a este tema. Ele não se ilude, conhece bem a memória do país, e sabe que em breve tão ilustre autor será esquecido com a mesma rapidez com a qual ficou conhecido. E com suas próprias palavras declara:

Não sabia eu então que em meu país essa luz, que dizem de glória, e de longe se nos afigura radiante e esplêndida, não é senão o baço lampejo de um fogo de palha". (ALENCAR, 1990)¹³

Alencar ao declarar o reconhecimento a Joaquim Manoel de Macedo, deixa de lado todo o constrangimento em torno dele mesmo, para sair em defesa da literatura brasileira, fato este que encerra em si mesmo, pois a timidez não lhe permitiu questioná-los ou indagá-los apenas exercer seu papel de narrador e ouvinte.

Existe uma parada em sua narrativa quando Alencar cita o ano de 1842. Ele consegue visualizar o momento revolucionário que se vivia neste ano e também não lhe foge aos olhos tais planos temporariamente frustrados, e

¹² Macedo, J. M., 1984.

¹³ José de Alencar conhece a crítica em cujas palavras havia exaltação e louvor, entretanto, também conhecia estes mesmos críticos, que se assim bem desejassem logo ao final da tarde se encarregariam de fazer esquecido aquele a quem prestaram mérito ao amanhecer.

deixariam neste momento, seus conspiradores a mercê dos seus perseguidores. É como se numa tomada de fôlego, ele buscasse compreendesse todas as mudanças que teria de enfrentar; e de um momento para outro sem ressalva e reservas, sua família muda de endereço e passa a viver numa parte mais humilde da cidade do Rio de Janeiro.

Todo o magnetismo, encanto e glamour haviam sido deixados para trás, na Rua do Conde¹⁴ e com ela todos os seus melhores momentos, infância, amigos e as participações de seu pai na vida pública brasileira.(ALENCAR, 1990).

Sobre Alencar, pairava um novo começo e com o retorno de seu pai ao cenário político nacional, com participação, opinião e debates sobre as questões políticas e de ordem nacional, o Senador distinguiu-se dos demais políticos, tornou-se uma referência tanto para os literatos, políticos e revolucionários, e, é claro que para o filho Alencar, que sabia de tudo que se discutia entre os amigos e seu pai. Neste sentido, ele não faz questão de esconder seu orgulho por conhecer a fundo um dos idealizadores das várias revoluções do século XIX, cujo objetivo parlamentar será o de declarar a maioria de D. Pedro II. Diante das discussões parlamentares os amigos e companheiros revolucionários do Senador, acreditavam no fato que somente um novo governante poderia dirigir o Brasil rumo as mudanças sociais e econômicas urgentes neste processo. Alencar sabia de tudo o que acontecia e compreendia no seu íntimo as batalhas travadas por seu pai e seus correligionários, em nome da nação brasileira e na procura pela nossa independência.

Independentemente do lugar onde viveriam, o que realmente importava eram as conquistas advindas da retomada das atividades políticas do Senador Alencar, pois assim a defesa e a luta pelo Brasil tinham base política e também apoio onde se sustentar, buscando renovação de energia a favor do seu objetivo principal: defender a nação. Alencar utilizou-se da escrita para que

¹⁴ Rua do Conde nº 55 – Um dos primeiros endereços citados por José de Alencar - bem no centro da cidade, próximo ao Senado e do Paço - com o objetivo de mostrar o lugar de sua família dentro da sociedade carioca crescendo dentro do cenário cultural brasileiro. Como um marco neste local será definido importantes momentos da vida pública brasileira e será o início do encontro da nossa identidade como nação brasileira.

com toda a sutileza de um político nato, através de seu objetivo principal e expressasse politicamente trazendo soluções que colocasse a nação em destaque. Sua crítica e entusiasmo afluíam em seus escritos, permitindo-nos prever o que surgiria em decorrência disto na literatura nacional, descrita através de sua poética. Surgem então alguns rabiscos, como Alencar escreve em pequenos trechos que depois se transformariam numa pequena novela, por sugestão de seu melhor amigo e companheiro a quem chamava de Sombra.

Alencar mantém-se fiel à obra, porém, há preocupação em preservá-la e neste momento sua obra se faz eterna, a seu modo e, assim, o mantém íntegro enquanto escritor; e seguindo este caminho dispõe-se como seu defensor diante de tudo e de todos, apesar de em alguns momentos ser forçado a deixar sua obra a mercê do tempo e da história. Ser romancista é apenas uma das facetas que Alencar desenvolverá e porque é um romancista nato tem na sua linguagem e sua fala subsídios para buscar um projeto mais arrojado, como o crítico, jornalista e futuramente o político. Ele deixa transparecer toda a honestidade confiável daqueles que lutam por nossa identidade e não se intimidam diante das adversidades, todavia, suga fartamente tudo o que ouve e aprende. Neste momento, sua timidez é sobreposta e deixada de lado para que a atenção e a curiosidade alastrem-se e afluam naturalmente neste outro Alencar que nasce.

E deixando de lado toda a fraqueza Alencar demonstra imprimido no seu íntimo de escritor, dois moldes para o romance: um recheado de mistérios e pavores - adquiridos com as leituras de novelas e outro, firmado na narrativa pitoresca, risonha e cheia de graças – aprendida com seu amigo, a quem carinhosamente chama de Sombra – fato este que numa primeira instância, Alencar utilizaria como método de arte para compor e iniciar seus escritos, apesar de que em breve esta forma seria substituída pelos romances.

Sua chegada a São Paulo em nada modificou seu gosto pela leitura e muitos seriam os adjetivos a ele mencionados em decorrência de tão vasto repertório lido, e cujo aprendizado permitiria a ligação da imaginação com a elegância, beleza e a ficção. Na sua alma, ficaria registrada a melancolia do gênio carrancudo e centralizado, que a natureza de forma retraída e fechada

em breve o transformaria num solitário. Sua passagem pela Faculdade do Largo do São Francisco, acontece no berço da formação de grande parte dos escritores da literatura romântica brasileira e importantíssima para sua formação intelectual. A faculdade o sustenta e o mantém atinado em seus estudos. Alencar não segue a vida boemia que muitos acadêmicos adotam durante a sua formação, sua postura de seriedade e apego aos livros é outro ponto marcante do caráter próprio de romancista, neste sentido sua obra é deliberadamente nacionalista, na qual seu sentimento de brasilidade e devoção à pátria, o impulsiona a escrever com um entusiasmo próprio de um jovem estudante de 17 anos que se dedica com afinco à escrita, a leitura, a literatura, no mesmo tempo em que outros se jogam na boemia.

Alencar torna-se extraordinariamente um excêntrico, devido a estudos de francês e a leitura de nomes como Balzac¹⁵, Victor Hugo¹⁶ e Chateaubriand¹⁷, aos quais tem acesso através de alguns volumes pertencentes a seus amigos de faculdade, fato este que lhe proporcionando a ele um conhecimento diferenciado e oportuno entre os escritores de cunho romântico como ele.

Tinha nos seus companheiros de academia a fonte para diversificação de suas leituras. Naquela época, livros eram artigos raros e caros, não havia uma circulação de obras que lhe permitissem um acesso mais rápido, e, em decorrência desta deficiência comum naqueles dias, buscava nos

¹⁵ Honoré de Balzac escritor Francês, nascido em 20 de maio de 1799. Seus pais eram de origem camponesa; mas o jovem Honoré freqüentou a escola e a família prosperou, devido aos tempos conturbados que a França atravessava. Balzac foi um terrível moralista, tornou-se imortal graças a excelência de suas observações sobre os vícios e virtudes do ser humano; um escritor puro e autêntico, sua escrita transcendia ao interesse ético, religioso, político ou social. Seu gosto imprimia em nossos escritores um gosto único e peculiar que merecia menção e copia diante do sucesso que este obtinha.

¹⁶ Vitor Hugo – 1802-1885 – Escritor Francês, figura máxima do romantismo francês. Filho de militar interessa-se pela literatura desde muito cedo. Expõe no drama Cromwell uma teoria teatral oposta a classista, fato que coincide com a batalha romântica na França que de fato é ao mesmo tempo política e literária, cultivando paralelamente a poesia e a narrativa.

¹⁷ Chateaubriand - autor, poeta pré-romântico francês, um dos mestres da literatura moderna, cuja obra criava em José de Alencar o modelo de romancista, onde de forma casual o seu acesso a tais preciosidades da literatura lhe permitira ter encontrado neste gênero literário, algo digno de ser imitado devido sua forma lírica, seu tom melancólico que se fundamentava na concepção de romance temático, ou seja, romance e poema. Nesta fase, descobre também toda a simplicidade nata dos romances que tanto admirava, e escolhera como fonte inspiradora de escrita e ao seu tempo deixou –se seduzir pela história em marcha.

companheiros de faculdade o privilégio de ter nas mãos as mais diversas obras da literatura. Para tanto, agora em São Paulo, elege-se como o fomentador do movimento literário. Na sua turma, tinha o privilégio de ter acesso ao acervo do amigo Francisco Otaviano e aqui surgem as dificuldades na leitura das obras dos escritores da literatura moderna, conforme citados no parágrafo anterior.

Alencar, sob este aspecto de leitor nato, não desperdiçava em momento algum as oportunidades de ter nas mãos volumes cada vez mais escassos e raros, embora tendo, como barreira natural, à língua em que os mesmos foram escritos. Percebe-se como um privilegiado e entendia ter nas leituras a veia que nutrirá sua busca na escrita. O fato de ser aprovado na disciplina de Francês pouco o efetivava para seguir firme com suas leituras. Seria necessário refazê-la e dedicar-se com mais afinco após a conclusão do curso de direito, diante da necessidade que sentia de desenvolver sua crítica e personalidade literária.

Aluno dedicado e diante de tamanha excelência na escrita e como por conseqüência desta, ocupava seu tempo também com estudos dos mais diversos temas neste período. Entre eles, privilegiou e dedicou-se com afinco à filosofia e à história, em palestras que nutriam seu espírito de escritor. Seu vício, diferentemente dos demais acadêmicos, seria o prazer de ter nas mãos as novas obras vindas da Europa, os discursos, as poesias, cantigas e anedotas associadas às conversas até as altas horas da madrugada. Relegava-se o direito de viver recluso em breve contemplação e, neste sentido afastava-se dos locais movimentados para dedicar-se às leituras regadas de chá e audácia durante as conversas realizadas entre um cigarro e outro.

Nele, já estava impresso o amor com que se dedicava a poesia, as cantigas, os discursos decorados e recitados nas solenidades: obras novas que surgiam da Europa, dentre outras atividades literárias. Porém, não conseguia esvaziar-se do desejo de estar entre esta riqueza literária e o mundo da política e a tudo naturalmente mostrava-se seguro sobre suas escolhas através de uma dedicação estremada. Alencar chegava a sentir em si mesmo um vazio próprio de quem não tinha em mente a posse de um projeto de vida. Ao isolar-se de

tudo e neste momento de renovar as forças diante da escrita coloca-se afastado da escrita por um breve tempo.

Crescia entre os acadêmicos a idéia de cópia ao Baironismo¹⁸, cujo objetivo em si, era manter aos olhos vistos da escrita um cuidado especial, devido a possível cópia de obras e do medo que tais praticas despertavam, dentre elas: exaltação, cinismo, ironia. Alencar apresenta-se como refém desta ação, diante dos desprezos provenientes da fortuna critica escrita sobre sua obra; em seu olhar é possível de se perceber impresso o medo peculiar dos eruditos. No entanto, Alencar, a todos se mostra sinceramente e revela-se neste sentido com sentimentos de desprezo e melancolia provenientes de qualquer pressuposto que lhe investigasse a escrita; ele sabe e reconhece no seu íntimo o que o move a continuar buscando o bem mais precioso que conhece: a escrita.

Nesta breve carta autobiográfica escrita por Alencar, é possível perceber pela narrativa que ele faz de si e de sua obra seduzida intimamente por sua vivência e por uma linguagem própria, como na fala apresentada através de seus romances; diante destas utiliza-se de narrativas da vida comum de seus personagens para descrever a época de grandes mudanças políticas, sociais e econômicas, num envolvimento tremendo que quando se descobre político vê crescer junto com seus romances, um sentimento de nacionalidade superior aos demais diante da seriedade e importância histórica daqueles dias. E para conseguir ser literato e político ao mesmo tempo, aproveita-se de pseudônimos para mediar reuniões, escrita de artigos, leituras e produção de romances e assim obter da crítica seu mais declarado e real reconhecimento. Havia dentro dele a crença de ser o político devido ao jornalista e este por sua vez só existia graças ao romancista formado através dos momentos áureos de leitura audível.

Neste primeiro capítulo foi possível avaliar como a trajetória de José de Alencar caminha paralelamente com o romantismo brasileiro diante do ponto

¹⁸ George Gordon Byron – (1788-1824) . Poeta Inglês de vida tão exaltada e turbulenta, como a sua obra. E o modelo do poeta romântico. Sua obra poética consiste de duas fases: a primeira, essencialmente romântica; e a segunda, de poemas burlescos. Capaz de expressar-se com os mais dedicados dos lirismos, e às vezes exalta-se a ponto de usar de um certo cinismo arrogante. Estas características em muito influenciaram nossos poetas românticos.

de vista histórico, e associado com as várias características e aspectos importantes da vida cultural, social, política e econômica do país. Neste sentido, exprime seu orgulho por sua nação através de uma convicção própria sobre a qual basearia sua obra. Sua formação literária, essencialmente romântica feita sob os olhares cuidadosos dos escritores românticos e do amor aos clássicos, que inconfundivelmente o coloca a frente das expressões literárias da época, pois tornariam Alencar o nosso maior e mais significativo formador da literatura nacional e sobre a qual crê e se convence de que nós brasileiros devemos nos sentir privilegiados por nossa poesia e não o contrário.

Outro aspecto também destacado e bem descrito por Alencar é o seu trabalho, suas leituras, escritos e também os sentimentos gerados nesta fase de criação e de forma árdua e expressiva com que não só a educação formal o moldaria, mas também significativamente à parte que lhe cabe um mergulhar na literatura universal para receber e reconhecer nestes autores sua busca e seus desejos de uma escrita romântica independente das existentes; entende-se, entretanto, que sua vocação será adquirida diante das muitas leituras e escritos jornalísticos e literários e com os quais com muito estudo e sem descanso representariam igualmente a nacionalidade que desejava para todos.

Capítulo III

Senhora: Resumo e Crítica.

Neste capítulo abordar-se-á uma parte da crítica feita a Alencar e ao seu romance em questão, em primeiro lugar priorizando o universo que envolve a trama e seus personagens; e logo a seguir relatando a sociedade carioca e seus valores envolvendo as personagens e seus desejos de felicidade, utilizando o próprio romance num resumo breve e também da fortuna crítica feita sobre o romance e seu autor.

Inicialmente descreve-se resumidamente o romance, protagonizado por Aurélia Camargo, uma bela e ressentida moça que torna-se rica graças à herança do avô recebida na sua adolescência. Órfã, vive agora com D. Firmina Mascarenhas uma parenta distante e mãe de encomenda, um costume muito utilizado pela sociedade urbana do século XIX, que também é contrária as idéias de emancipação da mulher; mas é Aurélia quem governa a casa, e seus negócios e sua vida em sociedade.

Sua beleza desperta o interesse de muitos rapazes, mas Aurélia, numa determinada manhã manda chamar seu tutor Sr. Lemos, para discutir sobre o seu casamento. Surpreso com tal pedido, ela lhe apresenta um negócio a ser combinado para a obtenção do consentimento do futuro marido. Pede então ao Senhor Lemos que a auxilie a desmanchar casamento combinado entre Fernando e Adelaide, sendo que a moça deve se casar com o Dr. Torquato Ribeiro, seu verdadeiro amor, rejeitado por sua família por ser pobre e dando a ele um dote em dinheiro para que possa também se casar com sua amada.

A mãe de Aurélia, Emília, se casara com um médico pobre, Pedro Camargo, filho natural de rico fazendeiro, que manda buscar o filho sem reconhecer a união. E assim, começam a viver algumas semanas juntas e outras separadas, com medo que seu pai descubra tudo e não mais os ajude. Nasce então sua segunda filha, Aurélia. Sua mãe leva uma vida suspeita e obscura. Após doze anos de convivência com a esposa de 36 anos de idade, Pedro é obrigado a se casar com uma moça de 15 anos, filha de um rico fazendeiro. O moço se esconde em um rancho e lá morre de febre cerebral, deixando três contos de réis a um tropeiro para ser levado a Emília.

Aurélia, na infância, leva vida modesta em companhia da mãe e do irmão. Com a morte de seu irmão, a mãe de Aurélia preocupa-se com o destino da filha. E como é costume da sociedade carioca, ela pensa em casar a filha para garantir sua sobrevivência, e apesar de desgostosa ela atende aos pedidos de sua mãe. Fernando Seixas, conquista a atenção de Aurélia, passa a freqüentar-lhe a casa, entretanto, sente-se envergonhado por namorar uma moça tão pobre. Aurélia recusa o pedido de um moço rico, pois afirma amar Fernando. Todavia, Fernando não se sente no direito de fazê-la sofrer com sua pobreza, mas sabendo da recusa de Aurélia ao pretendente rico, volta e a pede em casamento entretanto, ela não acredita mais em seu amor e diante disto vê vantagens no casamento com uma outra moça devido ao dote oferecido a ele.

A moça fica infeliz, mas, por outro lado, reencontra o avô, que a reconhece como neta e herdeira. Para sua tristeza, em pouco tempo morrem a mãe e o avô. E de posse do testamento e sendo declarada como sua herdeira universal, ela toma conhecimento de uma lista de bens e negócios. Aurélia sabe muito bem conduzir os negócios e também sua vida pessoal, e então decide se casar e o escolhido foi Fernando Seixas, que mora com a mãe e duas irmãs que o adoram. Na sociedade apresenta-se como rico; em casa, leva uma vida simples e regrada. Procurado pelo o tutor de Aurélia é informado da intenção de casamento, o rapaz nega-se a aceitar o acordo, entretanto, depois resolve aceitar a proposta, e para isto exige que lhe sejam adiantados vinte contos de réis. Com o dinheiro em mãos, cresce nele um sentimento de tristeza e humilhação, mas temendo muito mais a pobreza assume o compromisso.

Fernando é apresentado à futura noiva e sentindo-se envergonhado com a situação; mesmo assim, algum tempo depois, faz o pedido de casamento, que é aceito por Aurélia Camargo. A sociedade fluminense fica atônita e chocada com a novidade. A festa é modesta, com poucos convidados e os noivos demonstram felicidade. Porém, quando ficam a sós, a moça cruelmente mostra-lhe desprezo e revela a seu marido o verdadeiro motivo do casamento e do acordo feito através de seu tutor.

Diante da fúria da noiva, ele afirma não amá-la, e já de posse do dote e, portanto, está pronto para atender suas ordens, passando assim a se apresentar para a sociedade com ar de um casal feliz, mas vivem com ironias e sarcasmos, levando vidas paralelas. Passado alguns meses, Fernando fica sabendo que tem direito a 20 contos de réis, resultante de um negócio feito antes do casamento. Pede um encontro reservado com a esposa e lhe devolve com juro os 100 contos de réis pagos pelo dote, contando-lhe sobre as circunstâncias que o levaram a agir assim. Aurélia declara seu amor, diz que o perdoad, pede que ele a ame e como prova de que não o enganara durante esse tempo todo, mostra-lhe seu testamento assinado na noite do casamento passando-lhe toda a sua fortuna e revelando-se interessada apenas em seu amor. Por fim, beijam-se e se dão por felizes.

Nesta obra, Alencar traça sutilmente o perfil da mulher feita no início deste segundo capítulo e tem no romance o enredo a condenação do casamento por conveniência, que paralelamente caminha no mesmo sentido da educação do final do século XIX visando apenas entender as práticas e as atividades da sociedade vigente, numa intenção bem mais concreta da vida urbana diante da superioridade que esta exerce sobre seus personagens.

Aurélia não é mais uma mulher desconhecida da sociedade, porém com algumas peculiaridades próprias deste gênero urbano, no qual a heroína mesmo sendo mulher age segundo seu coração e para alcançar seus objetivos se vale de sua inteligência para representar e vencer o caos que se instaura na sociedade sobre a qual ela se faz como um manipulador que observa em função da vida social e a falsidade criada entre seus representantes mais expressivos; e diante de suas escolhas mostra-se capaz de dirigir a própria vida emocional, familiar e financeira.

De comportamento repreensivo e de muita personalidade, Aurélia não se preocupa de ser o motivo de comentários da sociedade agora que está rica, uma vez que esta mesma sociedade a excluiu em função de sua natureza humilde; entretanto, mostra-se como uma senhora de um caráter altivo e ciente das ciladas que a herança recebida. Em momento algum lhe passou pela cabeça a idéia de não dividir e compartilhar a arma com a qual se firmaria

na sociedade - fará isto de forma eficaz ao final do romance ao nomear seu amado como seu herdeiro legal, sendo que o mesmo somente terá conhecimento do ocorrido nos últimos parágrafos do romance, e por ela mesma entendia como uma oportunidade única de vingar seus sentimentos trocados por um dote e também com eficiência, enfrentar e combater a corrupção desta sociedade já impregnada de regras e normas que, às mulheres, exclusivamente, caberiam obedecer e em momento algum questionar.

Humilhação e orgulho são dois sentimentos vividos por Fernando e Aurélia e sobre os quais sua vida e felicidade são definidas. Segundo Proença (1974), a Fernando será delegada uma escolha: a de viver com honestidade, ou então, seguir os moldes da sociedade e viver de aparências e na solidão. Uma vez redimido de sua posição e com uma personalidade única, características também de Alencar – aqui representado através de Fernando, devido sua formação no Curso de Direito, bem como seu trabalho de jornalista – e afloram a todo o momento uma crítica ao patriarcalismo familiar sofrido por ele e também à Aurélia e sua família.. Proença, em seu texto, nos esclarece com detalhes o retrato de Fernando; e nesta composição do personagem como o próprio narrador, Alencar trabalha para que o nosso interesse enquanto leitor, mantenha-se fiel à obra e em momento algum o livro se ausenta deste objetivo, ao contrário, mostra-se com semelhanças e algumas constituições que ultrapassa a escrita, e neste sentido, será como se Alencar a narrasse a estória de qualquer um. Logo a seguir seu lado irônico ressurgue, e apresenta Fernando como um dos personagens mais elegantes, criando um clima e uma alusão em torno de si mesmo e do estilo romântico, sem perder de vista o perfil forte de Aurélia que a todos comanda.

Publicado em 1875, dois anos antes da morte de seu autor, *Senhora* é o terceiro romance de José de Alencar, a trazer abaixo do título a seguinte indicação: *Perfil de Mulher*, os outros são *Lucíola* (1862)¹⁹, e *"Diva"* (1864)²⁰

¹⁹ Alencar, J.de 1959.

²⁰ Alencar, Jose de. *Diva*.In: *Obra completa*, Vol.I. Rio de Janeiro, Editora Jose de Aguilar Ltda, 1959.

publicados sob o pseudônimo de G.M. *Lucíola e Senhora* estão estreitamente interligados pela característica romanesca, e abordam o mesmo problema: o das pessoas que vendem seu amor, ou seja, no primeiro deles trata-se de uma prostituta que vende o corpo, e no segundo o objeto da compra é a compra de um marido.

Os aspectos da sociedade brasileira do final do século XIX redefinem – se sob a perspectiva do romantismo brasileiro que surge num processo de discussão de seus problemas, na mesma medida, sugerindo soluções que as resolvam; e nestes aspectos da vida brasileira e em quase toda produção literária e cultural da época, denota-se na nação brasileira uma historicidade e um aparelhamento em torno do conhecimento geral adquirido e do papel das mulheres, ou seja, o gênero feminino sugere o ressurgimento de obras no campo da literatura e história.

Sob estes aspectos, o romantismo e seus escritores apesar de definirem seus temas, de manterem suas concepções tanto ideológicas como de escrita em ação, acaba por assim dizer, chocando-se nas questões envolvendo gênero, que para sociedade do século XIX não caberia a mulher, envolver-se. Diante disto, deveremos ter todo um cuidado em termos de interpretação de tais obras e de seus autores romancistas por excelência, entretanto sabendo que estes propõem através do conhecimento e dos valores de suas obras entender a sociedade na qual estão inseridos.

No romance *Senhora* a discussão remete-se ao fato de como sua personagem principal Aurélia apresenta-se na sociedade fluminense, bem como seus questionamentos avançados para a época. No final do século XIX, numa sociedade patriarcal e de natureza tradicionalista e escravocrata, suas falas cheias de reivindicações as mais variadas possíveis, sobre as quais indica um enorme embate social, com sua linguagem romântica e narrativa verossímil, permite em primeiro lugar, ao autor, criar; e num segundo momento, nos incita a alçar vôo em nossa imaginação na medida em que nós, seus leitores, lhe proporcionamos a certeza de que com seus questionamentos e atitudes e toda a sua sedução e heroísmo, lhe trará subsídios para entender e construir o caráter específico de suas personagens e também um lugar de

participante ativo de todo o processo de transformação cultural desta sociedade.

Atentando-se com cuidado para a relação existente entre o momento histórico vivido pela sociedade brasileira e pela cidade do Rio de Janeiro - local onde Alencar se faz um representante expressivo do romance urbano - a década de 1850 a 1860 é considerada pelos historiadores como marco de nossa história, bem como de todo o império devido as grandes manifestações políticas ocorridas neste momento, dentre elas um crescimento econômico em decorrência do aumento do progresso da vida nacional, uma vez proclamada a maioridade de D. Pedro II. Outra questão que merece destaque trata-se da preocupação de Alencar em retratar a vida brasileira em seus romances, através destes e de seus variados tipos sociais e exageradamente expondo os inesquecíveis ambientes, lugares, casas, móveis, tudo o que lembrava a vida urbana carregada de sentimentos, intensa nas suas relações caracterizada e genuinamente brasileira.

Fica evidente a intenção crítica de Senhora aos costumes da sociedade e o romance denuncia o casamento por conveniência social, prática burguesa normal para os padrões da época, os quais negavam aos jovens o direito de escolha afetiva, ou seja, a possibilidade de decidirem livremente com quem namorar ou casar. Mas isso não constituía uma violência declarada da época, porque a noção de família tinha mais valia de que a de noção de indivíduo. A compra absurda do marido funciona como uma metáfora, para desmascarar a realidade que ocultava a própria vergonha contida nas entrelinhas desta sociedade movida pelo interesse financeiro.

Escritor romântico por excelência, Alencar insiste na idéia de que o amor será um instrumento eficaz contra a despersonalização e os interesses familiares de que, de concreto mesmo, usavam o casamento como uma adaptação rentável e cabível entre as famílias de renome da classe burguesa. Por esta razão, os personagens deste romance só conquistam a felicidade alguns meses depois do casamento, quando se esclarece que o verdadeiro motivo de união seria o amor recíproco que existia entre Aurélia e Fernando e não o dinheiro que os uniu.

Poucos dos romances de Alencar desenvolveriam tamanha sensibilidade e demonstrariam sentimentos como este envolvendo amor e ódio; e para descrever desde o menor detalhe da vida cotidiana e do contexto social e histórico, utiliza-se de seus hábitos, bem como das relações de casamento e dotes comuns a este período. O autor propõe uma discussão cuja importância (com fatores denunciadores da sociedade burguesa do final do século XIX), serão condescendentes diante do tradicionalismo marcante neste período .

Segundo o escritor francês Honoré de Balzac, Alencar adota, neste romance, a técnica quase microscópica, da descrição de detalhes dos personagens, suas práticas diárias e seus relacionamentos individuais e coletivos, o que atribui ao romance um brilho e um ritmo que imitam a intensidade e a vibração das características próprias dos seres humanos.

Senhora apresenta um painel social bem definido e diante disto, delinea toda a análise minuciosa do comportamento dos dois amantes que dizem se odiar, diante destas questões e dos costumes da aristocracia do Segundo Reinado, e vivendo este momento social peculiar é que Alencar se apóia nesses componentes e permite que tais fatores se constituam no ponto forte da obra, atribuindo-lhe assim uma considerável dimensão familiar que irá ao encontro da sociedade a todo instante, devido ao do problema gerado entre tão ilustres membros da sociedade fluminense.

Suas obras fincadas na realidade brasileira são capazes de fornecer um retrato bem próximo dos costumes do século XIX; e, além disso, o qualifica como um dos mais imaginosos dentre os romances históricos e ficcionais. Neste sentido, tende ao símbolo, e quanto mais concreto assume as configurações da crítica social e da análise psicológica feita sobre suas personagens principais, sobre as quais demonstra grande habilidade em construir diversificados caracteres femininos.

A crítica ao romance e ao autor surgem desde quando foi lançado em 1875 e mesmo agora na atualidade, iniciam seus questionamentos a partir das relações sociais que se estabelece entre os personagens principais da trama com os demais do romance. E não somente aos personagens, mas também de igual modo ao autor que independentemente não admitia a autoria do livro, se

punha ao final apenas com um pseudônimo. Entretanto, a partir de toda crítica declarada, identificava-se uma idolatria diante daqueles que corajosamente assinavam suas obras, o que ironicamente não muito antes de as ter ignorado e relegado às mesmas ao esquecimento se compunham como seus defensores, neste momento diante de toda a nação brasileira.

Ao relatar a vida urbana brasileira e a imagem que esta projetava para todos, percebe-se a busca da modernidade nacional. Muitos são os detalhes descritos desta experiência, devido às dificuldades vivenciadas na época; poucos sabiam ler e escrever, mas os que dominavam as letras era delegado o privilégio de não mais desenhá-lo, mas sim, descrevê-lo.

Alencar sente-se humilhado e ultrajado diante deste descaso dos editores da obras, bem como da sociedade, que insiste em reconhecê-lo a partir do outro, ou de quem o publica, sobressaindo seu ideal de romancista e seus objetivos nacionalistas próprio da temática de suas obras. Porém, algo intrigante foi o assédio desta mesma imprensa aos seus romances indianistas; e logo a seguir de forma natural a Machado de Assis a quem elogia sem medo de errar, ciente de seu papel de escritor e com a inteligência capaz de buscar entender o que o próprio Alencar questiona:]

Que país é este onde se forja a falsidade e para quê? Para tornar odiosa e desprezível a riqueza honestamente ganha pelo mais nobre trabalho o uso da inteligência.(ALENCAR, 1990).

Com qual objetivo? A quem se quer enganar? E na mesma medida da dúvida também o responde, quando permite a todos os seus leitores a vantagem de ter nas mãos seus romances, regalados, entretanto a uma tradição esquecida, a editores sem visão, correndo riscos de perda parcial dos mesmos e numa última estância, vê-los esquecidos e sem retorno, buscando seu lugar nacionalmente dentro da historiografia e da literatura brasileira. Alencar sendo seu próprio algoz e maior crítico, reconhece que mesmo entre os seus sua fala está recheada de exageros, indo às vezes além do próprio limite. Mesmo com sua breve vida literária reconhece e declara o desastre que é viver, sobreviver e sustentar uma família como um escritor neste momento.

Reinterpretar Alencar, como sugere FREYRE (1955) no comentário de mesmo nome, significa acentuar toda a brasilidade de sua literatura, numa coleção única e através da qual sugere uma abrangente e ampla re-análise do Brasil e assim atingir um leque maior de obras. Para melhor entender o nosso romancista Alencar, precisamos conhecer o cronista, o teatrólogo, o novelista, o jornalista, bem como o político. É neste sentido que Freyre busca na regionalidade deste mestre, fatos que desnudam o brasileiro que realmente foi, baseando boa parte de sua escrita nas relações envolventes da família brasileira.

Através das condições de vida, o papel de cada um dos membros, as condições econômicas, enfim, diversos fatores que moldariam o perfil das famílias através da imagem do filho e do que acontece com ele, relegando a parte masculina valor e papéis de destaque na sociedade, cujo status a estes proporcionariam dignidade e respeito; na mesma medida, não se davam ao trabalho de mencionar nossas protagonistas dentro da sociedade patriarcal do século XIX.

Sua obra, como um todo representa toda sua brasilidade, e criticidade, e Alencar ao criar na literatura brasileira, descobre-se também como retratista, paisagista que descreve o amor ao Brasil que viveu, no seu tempo, sem ligações amorosas mais profundas e, sobretudo carregada de significado; contudo, convergindo naturalmente à natureza, a beleza, e a sociedade dentro de suas temáticas românticas. No seu estilo, contudo, utilizou-se da oratória para afirmar-se enquanto romancista, e com sua atração nata pelas revoluções - fosse na política, na sociedade e ou na família que o inspiravam a escrever, donde nesta obra especialmente utiliza sua protagonista como heroína de sua própria luta, de forma que a levaria a questionar e instigar nossa sociedade, a repensar todo o contraste social vivido diante da emancipação da mulher frente à valorização do indivíduo brasileiro.

Baseando-se na *Obra Completa* de José de Alencar, PROENÇA (1959) em sua introdução, sugere através da vida e obra de Alencar os aspectos literários que o posicionarão como o romancista de renome na literatura brasileira. Cita vários momentos da sua família, sua vida pessoal, criação e

sonho de tornar-se autor; cresce enquanto aluno e nas convicções de estilos sobressai-se sobre os demais, pois expressa contundentemente no seu romance, o Brasil que recria histórica e socialmente. Todavia, segundo a crítica, é eleito o patriarca da literatura brasileira diante de sua capacidade de captar a essência do povo e também por privilegiar os assuntos dignamente nacionais numa convivência entre o pensamento da época e as artes brasileiras delineadas em sua vida e obra.

Alencar apud Coutinho (1955) faz uma crítica a José de Alencar e ao romantismo com mais de duas mil páginas, que desde seus percussores tem no romance a base dos ideais do romantismo. Segundo Alencar apud Coutinho (1955) este se estruturaria sob a influência de três fatores: o da tradição oral que buscava na forma do momento vivido dentro da história e a aliança entre a escrita e o enredo; do teatro que usava da narração como meio de intermediação entre o que lê e os que ouvem; e do folhetim que despertava o interesse do público pelo desenrolar da intriga descrita no romance impulsionando pelos anúncios destes nos jornais de época, para posteriormente mergulhar no mundo de nossos próprios romancistas.

Ser citado pelos jornais e críticos da época seria o mesmo que cair nas graças da mídia em nossos dias, isto faria de qualquer escritor o mais conhecido entre os demais; e em decorrência disto também o mais exigido em seus romances, pois aos leitores somente as novelas com enredo, integra e interesses interessavam neste período histórico.

Alencar apud Coutinho (1955), exemplifica anúncios deste teor:

Nas livrarias de Carlos Poguetti se acham à venda os Mistérios de Paris. 10 volumes em 8; este romance é considerado, com justiça, um modelo das composições deste gênero: a par o interesse e excitação que a imaginação sempre deseja encontrar nesta espécie de obras, vão uma pintura fiel e minuciosa dos costumes, prejuízos e índole da época, apresentando os caracteres com toda a exatidão histórica. Se alguma coisa precisamos acrescentar, ao que a fama tanto apregoa da obra, são os devidos louvores a esta tradução perfeita.

Capítulo IV

Aurélia: a Senhora do Romance de Alencar.

Na sociedade urbana do século XIX, descrita através da historiografia brasileira desde o início deste trabalho, e sobre a qual José de Alencar baseia os últimos de seus romances urbanos, é possível perceber através mesmo diante de sua fraqueza e limitações de saúde, que ele cria através de sua personagem feminina, uma descrição que irá além das já conhecidas ao utilizar-se da cidade do Rio de Janeiro como cenário para sua trama; lhe proporciona alguns encontros especiais entre a burguesia com alta sociedade diante de um novo olhar próprio como o de Aurélia.

Aurélia representa parte de nossa brasilidade, ela é construída neste universo gerando uma realidade comum às relações do século XIX. Algo de certo diante dos questionamentos da época. Que nos leva a perguntar: Quem é Aurélia? E a resposta a esta primeira pergunta vem logo no início da primeira parte do romance: é uma nova estrela que há anos raiou no céu fluminense²¹.

Porém, outras características serão a ela relegada ao longo da obra: rica, formosa, um meteoro brilhante, órfã, virgem bacante, anjo casto e puro, irônica. Enfim, adversamente uma mulher intrigante, com um comportamento peculiar, isolada pelas circunstâncias, sem nenhuma expressividade notável, apenas, uma mulher, uma senhora, uma musa em cujo romance retrata a história recebida pelo próprio autor de quem diretamente se fez ator deste drama, o que a coloca num patamar de admiração segundo para os moldes do século XIX.

Questões propostas por ela irá além dos seus próprios limites, numa tentativa assustadora de colocar-se como sua própria dona dentro da sociedade, e também de conquistar o direito de viver segundo seus próprios

²¹ Segundo o autor, Aurélia surge e brilha como uma estrela na sociedade fluminense e recebe também desta toda a reverência merecida devido ao papel que agora assumiria como senhora de sua vida, e dona de seus negócios. Agora fiel a seus desejos não abre mão daquilo que deseja tomar para si, mesmo que tenha que deixar de lado os sentimentos que nutriram sua espera e diante dos quais a sociedade expressava-se arredia a suas convenções.

interesses. E para a sociedade da época isso seria um desastre, Aurélia resolve por assim dizer, submeter-se à tutela de seu tio, fato este que lhe permite compreender e administrar toda a sua herança. Anteriormente, não havia entre seus parentes nenhum tipo de convivência, porém, após o recebimento da herança, tudo muda diante das possibilidades de conquista advindas com o crescimento da nova burguesia; e neste momento divergente da economia as vantagens viriam com uma mudança de níveis sociais.

Seria como se um novo mundo abrisse a sua frente; a partir daí surgiriam paixões, amores, competições as mais variadas dentre todas. Aurélia despertava em todos um interesse elevado, cujo brilho advinha de sua elegância e modos desenvolto sobre os quais ela mesma julgava ser inocente e a despeito do que a julgassem não se importava devido o sentido real de sua apresentação na sociedade brasileira. A intenção de Aurélia era ser reconhecida e desejada pelo maior número possível de pretendes, desde que a escolha final partisse dela própria; em momento algum admitiria que alguém escolhesse por ela, ou que se quer sugerisse algo neste sentido; ela sabia brincar com tudo e todos e valia-se disto até para valorizar seu dote frente aos mais impetuosos.

Tornou-se bem popular em pouco tempo de convivência neste meio. Seu olhar angelical lhe permitia brincar, instigar e provocar até os limites das emoções. Diversas e variadas relações serão experimentadas por Aurélia e em função do amor e de suas vontades particulares, novos relacionamentos surgirão de velhos conhecidos. A primeira: D. Firmina de quem receberá um amor filial de encomenda, a qual retribuirá promovendo a subsistência da mesma, passará de uma parenta afastada a serva fiel; outro será o Senhor Lemos a quem trata com extrema seriedade, e será quem procurará a todo o momento enche-la de mimos e paparicos em função do título de tutor que sobre ela executa, numa convivência sobre a qual Aurélia reconhece e nomeia para função de negociante.

Neste universo não tão grande e embora comum à sociedade, entretanto, familiar na sua essência e sem os conflitos normais, constituem-se os cenários envolventes da trama sobre a qual Aurélia será transformada

diante das aparências na heroína, na esposa perfeita, e numa senhora de classe média respeitada do final do século XIX. Não que a ela houvesse uma ordem de maior ou menor importância social, mas, contudo, diante das diferenciações provocadas por ela inicia-se então um questionamento oportuno e profundo referente às relações amorosas ou seja, referentes ao amor, as riquezas, posses e heranças, na mesma medida que reconhece no seu íntimo as degradações advindas destas práticas. Aurélia vive neste momento peculiar de sua vida, escolhas e práticas inoportunas no que diz respeito às relações sentimentais e amorosas, e sobre as quais humanamente falando lhe trarão contradições e relacionamentos que lhe impedirão de expressar seus desejos, diante das questões que moldem sua existência romântica.

Em sua nota preliminar ao romance, PEREIRA (1959) faz uma citação a releitura de Alencar, que nitidamente nos promove aos tempos do final do século XIX e a uma revolução de época e costumes. Seus personagens dogmáticos compostos de bacharéis, fazendeiros e comerciantes inserem-se na sociedade formada de gente rica, como pessoas simples que buscam a felicidade e reconhecimento. Sua crítica recai sobre a sociedade em geral e a Alencar demonstra certo apreço por preocupar-se com parte desta sociedade que descreve em seus romances; eleger Fernando como herói de Senhora, diante de questões delicadas, independentes de sua formação como sua luta por liberdade e pela conquista do amor de Aurélia.

Segundo PEREIRA (1959), o fato de Fernando Seixas assumir sua condição humilde não o exime de seus desejos de pertencer a alta sociedade, e mesmo sendo obrigado a abandonar a faculdade, tais fatos o levam a trabalhar inicialmente como tradutor e depois como comentarista que revelaria sua insatisfação com a burocracia em toda a estrutura da sociedade; mais uma vez se mostra herói e refém desta profissão intelectual, aproximando-se ainda mais da elite comercial e mesmo assegurando um lugar de notoriedade, isto somente será concretizado com o casamento com a rica e alegre Aurélia, seguindo os moldes europeus e os valores da sociedade do Segundo Reinado, que a tudo ditava moldes e apenas os que tinham riquezas e podiam ser reconhecidos.

O casamento de Aurélia e Fernando acontece na casa das Laranjeiras, de forma discreta, conforme pedido da noiva e com a participação de uma pequena parte da sociedade, escolhida entre os mais íntimos; tendo Torquato Ribeiro como uma das testemunhas (escolha uma tanto irônica), e como madrinha a Senhora Margarida Ferreira que apesar de sua distinção e posição social em momento algum aproximou-se de Aurélia por suas posses, (ao contrário tinha por ela uma amizade desinteressada e sincera a despeito dos demais). Os convidados são unânime em concordar deslumbrados com a beleza altiva de Aurélia, fato que a constrange e a faz permanecer com a cabeça envolta pelo véu. Durante toda a cerimônia.

O encontro na câmara nupcial logo após o casamento, revela outros sentimentos envolvendo os noivos e mesmo com toda a formosura angelical de Aurélia seu coração revela-se traído, exigente e egoísta e a leva ao desânimo e uma tristeza profunda, causando-lhe falta de ar. Sua dificuldade de respirar induz a reflexão e ao questionamento de sua posição suas escolhas, desvenda a soberba, o exclusivismo favorável, a sua fortuna e posição social.

Neste primeiro encontro Aurélia revela o real sentido desta união e afirma ao marido, ser seu dono, pois nem mesmo ele valorizou-se aceitando a primeira oferta que fora feita, uma vez que estava disposta a pagar qualquer preço por ele. Estes primeiros momentos juntos promovem em Fernando um fascínio e veneração sobre sua *senhora* que se apresenta como sua dona, na mesma medida que ele para ela, transforma-se num troféu a ser desfilado por ela na sociedade. E depois com um pouco mais de calma e ouvindo atento ao relato de Aurélia, Fernando toma conhecimento do real motivo de sua união e do uso do dote para que o casamento se concretizasse.

Aurélia expõe toda a sua fragilidade em sujeitar-se a Fernando quando faz uma descrição de todos momentos, dificuldades e situações pelas quais vivera com sua família até o momento do reconhecimento do avô e conseqüentemente, do recebimento da herança; ressurgem sentimentos de apatia, de indiferença por não ter conhecido seu pai; orgulho e privilégio pelos momentos únicos vividos com seu irmão, pois com ele aprendera também um pouco da profissão de caixeiro sabendo ser o mesmo útil no futuro; da vida

simples na casa da Rua de Santa Tereza não reclamava, sempre respeitosa com todos e obediente nas decisões de sua saudosa mãe Emilia e seu tio e futuro tutor Sr. Lemos.

Nesta perspectiva de vida social e urbana até então inexistente na sociedade carioca do século XIX, em função de o Brasil caracterizar-se intimamente como agrário, surge uma sociedade estruturada nas relações possíveis do estilo de vida europeu. Diante deste cenário e através da consolidação do capitalismo, da ascensão da burguesia eo desenvolvimento da vida urbana novos valores serão absorvidos por esta sociedade. Neste contexto de divergências e descobertas e com um estilo de vida não encontrado em nenhuma outra sociedade, é possível perceber como este cotidiano muda os relacionamentos no âmbito da família.(D'INCAO, 1997).

Procurando firmar-se como nação, com o estilo aristocrático ainda presente, esta sociedade reflete a vida colonial e delinea o despertar de um momento; ainda não existem regras definidas neste processo, entretanto a homogeneidade das cidades agora bem cheias em função da modernização não nos permite diferenciar ricos e pobres a não ser pelo convívio social e pelo interesse público que define os espaços públicos e os encontros e restrições que a esta sociedade se mostram. (D'INCAO, 1997).

É neste momento que a privacidade da família é observada e a mulher é inserida na sociedade que a ela dita normas. A casa da elite abre-se para a sociedade e amigos para saraus e festas, no romance, Alencar através de Aurélia por duas vezes descreve um encontro à sos com Fernando, descrevendo momentos especiais que denotam a educação recebida pelos pais e a maneira educada no convívio social. Entretanto, mantêm-se distantes e distintivamente colocados e o requinte do lugar impressiona por seus detalhes e pela forma com que prepara este espaço comum a ela e ao marido diante de suas intimidades, segredos e acordos. E sob esta perspectiva surge uma explosão de sentimentos, dentre eles: choro, saudade, ciúmes, paixões, declarações de amor, brigas e insultos sobre os quais seus personagens poderiam revelar-se mesmo se esse fato fosse de encontro as profundas contradições da vida social urbana

Outra questão que Alencar demonstra em seu romance, é o casamento por Interesses, que para D'INCAO (1997) a elas tinha a função específica de manutenção da vida social, e era um meio de crescer dentro da sociedade. Sociedade esta que não elegia um lugar de destaque para as mulheres, cabendo somente exercer as funções de esposa e a responsabilidade de cuidar da vida cotidiana, sob a qual a postura em público reforçava a idéia de prestígio social que a família gostaria de atingir.

Os sentimentos e a qualidade destes tiveram uma mudança significativa diante das transformações importantes do século XIX. Um vez sendo definido através das regras ditadas pelo amor romântico, os sentimentos mais puros fazem de nossos protagonistas, ou seja destes personagens ditos modernos uma mudança significativa devido a sensibilidade que surge em função do isolamento que aconteceria com as famílias em face as várias sensações que agora podiam sentir. Redefinindo seu papel dentro da sociedade sua responsabilidade aumenta e agora além da casa, dos maridos, dos filhos dependerá também a essência moral de toda a sociedade, e sob este ponto executara também inúmeras outras funções.

E nesta sociedade as mulheres pobres poderiam amar sem restrições, pois seus casamentos não dependiam de um contrato comercial; já as mulheres da elite eram vigiadas em nada podiam se expressar, apenas suspirar, pensar, escrever e sofrer; amar; no caso do romance de Alencar o amor de Aurélia e Fernando vence todas as barreiras possíveis da compreensão romântica. E aqui ao fazer com que o amor vença o dinheiro, Alencar propõe uma nova escrita romântica, onde no romance, ou melhor, no mundo dos livros os heróis, os amantes, os apaixonados sempre amam.

Muitos serão os conflitos gerados a partir da exposição dos sentimentos desta sociedade em transformação que questionara a apresentação do amor como um estado da alma, em Aurélia existe uma oportunidade única de quebrar tais regras, sobre as quais se propõe sentimento novo, em que a escolha priorizaria a felicidade. Ainda sob a perspectiva do casamento, D'Incao é bem clara referente as escolhas dos maridos, em suma, envolvia uma aliança política e econômica, as mulheres não será permitido tais absurdos e

será o primeiro passo de Aurélia rumo a sua felicidade. Mesmo representando um status diante da sociedade construída, seu real valor será o da herança e de propriedade que sua família deteria.

Alencar traz a tona algo de real valor para si: cita outro romance de sua autoria carregado de conflitos em torno do perfil feminino - uma mulher impossível e que somente ao seu amado entregou –se de corpo e alma - arrancando da crítica uma crítica não somente a *Diva*²², mas de igual modo a *Senhora*, sobre a trama que se resolverá ao final deste romance. Sua preocupação com a parte cultural da sociedade do Rio de Janeiro, não passa apenas por citações a jornais e livros, menciona com especial apreço poesias, espetáculos, teatros, operas, enfim toda uma bagagem oportuna a mais alta sociedade fluminense. Inoportuna será a preocupação de Aurélia em novamente inserir Eduardo Abreu nesta sociedade que após perder sua fortuna, dispensa atenções que deixará seu marido com ares de ciúme e desdém. Instigando-lhe sentimentos de vergonha, que contra Fernando deporiam e o deixariam a mercê das interessadas em intrigas e comentários maldosos.

Buscando para si, o convívio também com a camada mais refinada da sociedade, Aurélia neste momento faz de tudo para que seu casamento seja o mais invejado dentre todos; no entanto em momento algum dessas aparições em público lhe proporcionam o prazer de estar com os outros como ela diante de seus propósitos; a Fernando faz os mais absurdos pedidos e cobranças sociais, e conseqüentemente, o obriga a mostrar perante a sociedade como o

²² Alencar cita no romance o questionamento referente à literatura nacional, pouco conhecida e lida por esta camada da sociedade. Alguns do que a criticavam na maioria das vezes nem as tinham lido, a não ser alguns comentários; sua indicação desperta em Aurélia o desejo de conhecer o que de especial teria a apresentar a vida desta outra mulher, e rodeada de curiosidade de todos os lados e dona de opinião própria, manda comprar o romance devorando o mesmo numa tarde, e assim sente-se tranqüila para comentá-lo. Ironicamente sua vida seria a próxima a ser contada por tão conceituado autor que a conheceu através do relato de amigos próximos.

²³ Neste momento a intenção de unir os casados, acaba por assim dizer depondo contra a própria Aurélia. A ela só se era permitido dançar com seu respectivo marido, e assim mesmo sendo a anfitriã, tenta justificar que não poderá participar desta quadrilha, por não saber valsar, e por sentir vertigem com os giros da dança. Entretanto, será confrontada por todos e para disfarçar seu nervosismo por estar aos braços de seu amado Fernando, dança sobre os olhares curiosos da sociedade.

casal mais invejável de todos, vivendo obscuramente uma amargura e desprezo que a consome e infeliz para os padrões da época.

Afligida por suas escolhas e confrontada pelos amigos diante de suas atitudes, Aurélia não consegue desfazer de suas recepções, tidas como a mais brilhante de toda corte; a todos recebia com igual apreço, e com convidados importantes, ilustres que muito a orgulhavam. Com todos também Aurélia brincava, impendido um momento exaustivo de reunião que se formasse sem a sua permissão; não permitia que lhe negassem qualquer capricho e para tanto inovava anunciando no meio da sala a *quadrilha dos casados*²³ e assim, mesmo não sabendo valsar aceita o desafio estando sob as mãos de Fernando que agora a conduz. Mais importante que tudo, o heroísmo de Aurélia a impulsionava para a dança, idealizando ali no salão o romance no mais profundo tempo de sua alma, que lhe permitiria num breve momento contrastar desejos e conflitos sobre os sentimentos e liberdade do corpo direcionada pelos gestos expressivos de seus mais íntimos desejos.

Entrega-se por completo num momento mágico, e pela primeira vez consente que o marido a toque apenas que seja do seu braço na sua cintura. Vive um momento de glória, sublime e especial de provocar inveja aos que duvidaram de sua intenção e pretendiam causar humilhação por não saber valsar.

Um pequeno desmaio possibilita seu breve sonho de estar nos braços de seu Fernando como deseja; e Alencar o descreve com igual esmero: a respiração, seu olhar, a mão que a fagava seu ombro e permitia sentir o calor que a embelecia. Fernando sente todo o perfume que sua amada exalava, e ao seu olhar denuncia seus desejos, seu amor. Por um instante, ele percebe um sopro gelado e os seus lábios sem cor, com perspicácia tomando-a nos braços desacordada, levando-a até a sala ao lado.

Neste breve momento de sinceridade mútua e ao recobrar seus sentidos, Aurélia defende-se, explicando o motivo deste pequeno deslize, o que a alguns soa como teatro, o mero fingimento entre o casal; na verdade, mas um breve momento que preferira não ter vivido assim tendo a todos como espectadores. Entretanto, volta ao salão e baila novamente com o marido,

unidos pela música e separados pelos sentimentos, muito mais animados e com uma serenidade que lhe permitia conter os desejos de uma mulher apaixonada. Dentre todos os momentos vividos, este em especial, revelara-se o mais forte diante das circunstâncias em que se encontravam Fernando e Aurélia.

Mais importante que os momentos vividos e as atitudes tomadas por Aurélia e Fernando, serão as relações humanas vivenciadas neste romance, segundo CÂNDIDO (1981) Aurélia vive um drama onde a sociedade se faz de juiz de suas relações e atitudes, e neste sentido, Aurélia permeia entre a esolha social e o amor. Alencar neste romance, entretanto, privilegia a Fernando que é um intelectual – dispunha de conhecimento, diferente dos demais pretendentes- não permitindo que se faça de herói, mas deixa-se vender a um esposa milionária ao invés de casá-lo com uma herdeira rica. Assim mostra como um fruto da sociedade que age em função da ascensão social, em cujo conflito Alencar, através de seu idealismo artístico trará ao romance um final feliz em função do amor que os uniu ao início do romance.

Em seus diálogos Alencar propõe uma idealização de seus personagens, devido à falta de conhecimento e requinte desta sociedade; a língua escrita e a mesma proposta em suas crônicas, bem conhecidas de todos. E na sua poesia é possível perceber como o diálogo se constrói e surge nos mais diversificados momentos e acontecimentos. A exemplo temos no romance um passeio diário ao jardim que através das ações diferentes de cada um dos protagonistas, entretanto, sua intencionalidade será a de expressar seus sentimentos dramáticos por excelência e ao mesmo tempo manter-se próxima o maior tempo possível de seu amado.

Ao último Capítulo, Alencar reserva todo o seu estilo literário que unirá por completo *a senhora e o senhor* que desfilara durante este breve e último romance; e será sob o mesmo teto de núpcias, que tal desobrigação conjugal será esclarecida. E Fernando relembra tal momento quando diz:

... ____ É a segunda vez que a vejo neste roupão. A primeira foi há cerca de onze meses, não justamente neste lugar, mas perto daqui, naquele aposento. (ALENCAR, 1959)²⁴

E assim, tendo a atenção da esposa, começa a falar o motivo do encontro solicitado, que era o ressarcimento dos cem contos pagos e a troca por sua liberdade. A Fernando, faltava os vinte contos pagos a vista, quanto ao cheque do Branco Brasil (privilegiado aqui no romance devido seu cunho nacional) de oitenta contos, este estava intacto para ser devolvido a sua senhora. O dialogo estabelecido neste momento, faz de Fernando Seixas seu próprio advogado de defesa esclarecendo a origem do restante a ser pago. As provas deste negócio e conquista são indiscutíveis, e Fernando possui as condições e o direito de negociar com sua *senhora[sic]* (ALENCAR, 1959).²⁵

Numa sociedade sobre a qual as negociações se faziam entre cavalheiros, suas explicações referentes ao dinheiro, o negocio feito antes do casamento e os juros calculados foram expostos claramente e recalculados por sua *senhora* que tão bem entendia da área comercial. Fernando em momento algum se constrangeu, referente às contas prestadas em decorrência do desejo que agora nutria em seu coração: reconquistar sua liberdade e dignidade.

Outro diálogo belíssimo escrito por Alencar, acontece na explicação dada por Fernando referente aos valores da sociedade na qual estão inseridos e aos anseios que deveriam ser cultivados, pois crê que de sua parte reste ainda uma grande estima por Aurélia. Fernando de posse de sua vida, age com tranqüilidade, serenidade e sinceridade quando se diz fruto de uma sociedade que privilegia o luxo e os vícios. Todavia, inerte a tais questões que não renega, confessa não gostar e está assustado por ter se tornado seu fiel defensor. Sentindo-se envergonhado por ter na riqueza o fator determinante de sua vida, de sua medíocre vida, até então a simples visão de um futuro sem condições financeiras de sustento de sua família e cheio de dívidas contraídas em função de suas regalias, o leva a concordar e não hesitar pela escolha do

²⁴ Alencar deixa aos leitores a idéia de que na memória de Fernando, voltar ao local da cena do casamento traria consigo também toda humilhação sofrida naquele dia em especial.

²⁵ Nota-se pela ortografia, que a forma utilizada denota o sentido de posse, propriedade, diferente de “senhora” que era a forma respeitosa de tratamento para uma dama.

casamento de conveniências, sabendo que a simples ameaça de pobreza o afastaria da sociedade na qual poderia novamente colocar-se com um de seus privilegiados.

Iludido e abatido diante da realidade, Fernando aceitava sua condição e sem forças para resistir e lutar, se revela por completo a sua senhora, a quem agradece por ter lhe concedido o privilegio de rever seus conceitos e valores. Este seria para ele o ultimo momento juntos e as ultimas palavras ditas acreditando que à sua *senhora* agora só interessava o dinheiro e a sociedade da qual fazia parte. Este fato porém não condizia com a vontade de Aurélia, que ao ver seu amor se distanciar joga-se a seus pés jurando amor eterno; abatida, assustada e ofegante, segura fortemente o único homem que amara em toda a sua vida e implora o perdão a despeito de todas as ofensas cruéis feitas, e declara ser ele o *senhor de sua alma*²⁶ selando este momento com um beijo.

O testamento de Aurélia Camargo será a arma usada por Alencar para os unir novamente.

Fernando tem consciência que a riqueza os separou e desesperadamente, Aurélia corre ao outro cômodo e traz consigo um papel que contém seu testamento escrito logo após o casamento; dessa forma Fernando entende que o que realmente importa é o ser amado e não o dinheiro e os valores da sociedade.

E ao final do romance José de Alencar escreve: *As cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal.*

Assim, romântico por natureza e critico de si mesmo, José de Alencar detém a teoria romântica aliada a pratica da escrita, entre as quais encontra a excelência do período romântico. Consciente de seu papel apresenta um trabalho rebuscado de detalhes e com uma reflexão critica possível sobre a sociedade e em cujas obras Alencar retoma temas básicos e comuns diante daquilo que viveu e experimentou na sociedade urbana do final do século XIX.

²⁶ Neste momento, Aurélia oferece-se à Fernando sugerindo-lhe que ele é o seu “proprietário”, o dono de sua vida.

Conclusão.

Analisando o problema levantado através do romance, da historiografia e da fortuna crítica existente à obra e ao autor percebe-se como José de Alencar descreve a sociedade urbana do final do século XIX com tantos detalhes e precisão de quem a viveu e compartilhou com outros contemporâneos. Através de Aurélia protagonista de *Senhora*, descreve a essência urbana e social que se revelam diante de posicionamentos próprios ao que seus personagens viveriam. Sendo o último de seus romances de cunho urbano, sobre este figura todo o seu romantismo e herança deixada como um legado a seus fiéis leitores, bem como a seus filhos, quebrando assim padrões e paradigmas próprios a época em que fora escrito.

Sua escrita privilegiando o romance nos dá condições de fidedignamente representar o povo brasileiro que aliado a isso, entender como a escrita acontece naturalmente. E não somente assim, reconhecer que as famílias no século XIX, sob a ótica da tradição europeia faziam do casamento por interesse um negócio rentável, entretanto abominável por nossa romântica protagonista Aurélia. Nesta narrativa proposta, Alencar utiliza deste método de compra para provar como o verdadeiro amor, vale mais que toda uma fortuna.

Em toda a sua simplicidade *Senhora* e seu enredo, abrangem a sociedade urbana do século XIX e em toda as suas características e através destas questões, expressa a vida desta sociedade com conceitos favoráveis e enfadonhos diante da sociedade fluminense. Entretanto, ao tratar sobre a sociedade e as relações que a permeiam, no que se refere a compra do marido realizada com sucesso por Aurélia, Alencar faz uma crítica à sociedade do século XIX, cujas mulheres eram “vendidas” a seus maridos por seus pais, pois o casamento funcionava como manutenção do “status”, sabe-se que estes costumes da época serão derrubados com esta transação mercantil.. Alencar faz uma análise social deste momento, transformando sentimentos em elementos comerciais de compra e venda.

Segundo Cândido (2000) ao analisar intensamente o comportamento de Aurélia é possível identificar com existe uma troca de lugares entre senhora e senhor diante das construções que envolvem a família. Existe expresso no romance uma obsessão de Aurélia para que a compra se concretize, e para tanto não abre mão de nenhum detalhe que a convença do contrario. E no romance como contraposição à compra existe da parte de Fernando um sentimento de não se opor à compra, e ao deixar-se comprar revela como a sociedade impõe a sua regras e seus objetivos bem específicos; e assim, diante dos mais diversos períodos esta obra representa fielmente a sociedade urbana diante das suas mais variadas características e mudanças.

Nas condições sociais vigentes no final do século XIX, e sob a crítica literária e diante do privilegio da historia de fazer conhecida à sociedade fluminense, entende-se sob os mais variados critérios como é possível traçar os passos de crescimento da sociedade urbana. Todavia esta mesma sociedade e as obras que a representam não permeiam as mesmas idéias. Por diversas dificuldades, caminhos divergentes e mesmo textos com foco informativo, muitas foram às mudanças ocorridas e não privilegiadas por nossa literatura com o crescimento expressivo da sociedade urbana do final do século XIX.

BIBLIOGRAFIA.

ALENCAR, Heron. José de Alencar e a ficção romântica. In: Coutinho, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 3ª Edição. Rio de Janeiro. Editora: Sul-Americana, 1955, 2º Tomo. v.2. p.217-300.

ALENCAR, José de. **Senhora**. Edição Crítica de José Carlos Garbuglio – Rio de Janeiro. 1979.

ALENCAR, José de Alencar. **Obra completa**. Rio de Janeiro. Editora Aguilar Ltda, 1959. v.1.

_____. Diva. **Obra completa**. Rio de Janeiro. Editora Aguilar Ltda, 1959. V.1.

_____. Senhora. **Obra completa**. Rio de Janeiro. Editora Aguilar Ltda, 1959. V.1.

BOSI, Alfredo – **Historia concisa da Literatura Brasileira**. 2ª edição. São Paulo, Cultrix, 1997.

CANDIDO, Antônio - **Literatura e Sociedade**: Estudos de teoria e historia literária São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. - **Formação da Literatura Brasileira** (Momentos Decisivos). 3ª. São Paulo, Martins, 1969. v.2.

_____. - Os três Alencares. In: **Formação da Literatura Brasileira** (Momentos Decisivos). Belo Horizonte, Ed: Itatiaia, São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1975. 5ª edição.p.221-235.

COUTINHO, Afrânio. A Critica Literária Romântica. In: **Literatura no Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora: Sul-Americana 1955. 2º Tomo. v.2 . p.301-324.

DE MARCO, Valéria. **O império da Cortesã**: Lucíola, um perfil de Alencar. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 1986.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: **Historia das mulheres no Brasil**. PRIORE, Mary Del(org.); BASSANEZZI. Carla.(cord. De textos). 2 ed. São Paulo: contexto, 1977. P.223-240.

FREYRE, Gilberto. Raça, Classe e Religião. **In: Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano.** 5ª ed. Rio de Janeiro. Editora: J.Olympio.Brasília, INL, 1977. 2º Tomo. p. 353- 423.

_____. Reinterpretando José de Alencar. **In: Cadernos de Cultura.** Rio de Janeiro: MEC, 1955.

GLEZER, Raquel. São Paulo e a elite letrada brasileira no século XIX. **In: Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH.Nº 23/24, pg.19-30, set.91/ago.92. v.12.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma ideologia.** São Paulo. Editora: Pioneira. 3ª edição. 1976.

MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar: o literato e o político.** 2ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 1977.

MACEDO, Joaquim Manoel. **A moreninha.** São Paulo: Três Livros e Fascículos (biblioteca do estudante: Obras Imortais de nossa literatura. 1984).

PRATT, Mary Louise. **Literatura e Histórias: perspectivas e convergências.** Organização Luiz Eugenio Vescio, Pedro Brum Santos - Bauru, SP; EDUSC; 1999.

PROENÇA, M Cavalcanti. **José de Alencar na Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 1972.

_____. **Estudos literários.** Rio de Janeiro. José de Olympio. MEC, 1974.

_____. Introdução Geral. **In: Alencar, José de. Obra Completa.** Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.p 13-115. V.1.

RONCARI, Luiz – O Romântico Brasileiro. **In: Literatura Brasileira: Dos primeiros Cronistas aos Últimos Românticos.** São Paulo: Editora as Universidades de São Paulo, 1995 – pág. 285 a 289 e 558 a 597.

SILVA, Ângela Maria; PINHEIRO, Maria Salete; de Freitas; FREITAS, Nara Eugenia. **Guia para normalização dos trabalhos técnicos científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações e teses.** Uberlândia:UFU.2002.163p.

SUSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana. **América latina: palavra, literatura e cultura**. Campinas. Editora: Unicamp, 1994. V.2. p.451-485.

SZKLO, Gilda Salem. O espírito da nacionalidade de José de Alencar. In: **Estudos de Literatura Brasileira – 3. Romantismo**. Organizado por SECCHIN, Antônio Carlos. Faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.P.46-57.

VIANA FILHO, Luis. **A vida de José de Alencar**. Rio de Janeiro: Olympio. 1979.

WHITE, Haydn. **Tópicos do Discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994. Pág. 97 a 116. Ensaios da cultura. V.6.

XAVIER, Elódia. A "vida Real" na ficção de José de Alencar. In: **Estudos de Literatura Brasileira–3. Romantismo**. Organizado por SECCHIN, Antônio Carlos. Faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.P.58-66.

Honoré de Balzac. Tours,1799- Paris 1850. http://www.vidaslusofanas.pet/balzac_h.htm.

Vitor
http://www.e_biografias.net/biografias/victor_hugo.php.

Hugor.Biografias.

Chateaubriand . <http://www.revista.autor.com.br/artigos/2002>.

George Gordon Byron- **Romantismo. Lordy Byron (1788-1823)**.
http://www.arteehistoria.com.br/biografias_lord_byron.htm.

Poesia Byroniana. Morte e Poesia.
<http://planetaterra.com.br/arte/spectrumgothic/literatura/morte.poesia.htm>.

Pesquisa feita na biblioteca do campus Santa Mônica em 22/11/2004.